

HIPER-SUJEITOS TOXICOPORNÔGRÁFICOS: A SUPERAÇÃO DO NEOLIBERALISMO PELA MICROPOLÍTICA DA DESINTOXICAÇÃO DO DESEJO EM PAUL PRECIADO

Pedro Ricardo Souza Morais¹

RESUMO

A transição para o capitalismo pós-disciplinar marca a constituição de um novo tipo de subjetividade. O sujeito moderno encontra sua falência, surge o hiper-sujeito farmacopornô majorado em suas capacidades pelas substâncias fisiológicas e comunicacionais, esse é o sujeito da extração de forças quase absoluta. Assim, a tendência predatória autossuperante que caracteriza a dinâmica capitalista encontra no neoliberalismo uma aceleração que em breve alcançará seu limite ambiental e humano. O objetivo deste artigo é, nesse sentido, a análise dos modos de subjetivação pós-disciplinares e as possibilidades de desintoxicação do desejo viciado no capitalismo.

PALAVRAS-CHAVE

Preciado; subjetividade; neoliberalismo; micropolítica; pornografia.

ABSTRACT

The transition to post-disciplinary capitalism marks the constitution of a new type of subjectivity. The modern subject encounters its bankruptcy, giving rise to the pharmacopornographic hyper-subject magnified in its capacities by physiological and communicational substances; this is the subject of almost absolute force extraction. Thus, the self-surpassing predatory tendency characterizing capitalist dynamics finds in neoliberalism an acceleration that will soon reach its environmental and human limit. The objective of this article is, in this sense, the analysis of post-disciplinary modes of subjectivation and the possibilities of detoxification from desire addicted to capitalism.

KEYWORDS

Preciado; subjectivity; neoliberalism; micropolitics; pornography.

¹ Mestrando em Ética e Filosofia Política no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGFIL-UFSC).

INTRODUÇÃO

“O corpo vivo está prestes a explodir” (Preciado, 2023, p. 56). As técnicas pós-disciplinares de subjetivação estão chegando a um limite. A pretensão ilusória de crescimento infinito do capitalismo em breve encontrará seus limites materiais (ecológicos) e humanos. Contudo, desde já, os sujeitos apresentam sintomas de disforia: as experiências de vida no neoliberalismo representam a socialização do desespero, a cisão abissal entre esforço e remuneração, a experiência ontológica e generalizada do fracasso e da depressão. O sujeito-moderno já está extinto, o hiper-sujeito do neoliberalismo apresenta sinais de falência. Por outro lado, o mundo em disforia pode significar a transição do marco epistêmico do capitalismo pós-disciplinar para um “novo regime ainda balbuciante que se forja através de atos de crítica e desobediência política” (Preciado, 2023, p. 27).

Assim, nosso objetivo nesse artigo é analisar as sutilezas da constituição da subjetividade do poder através de seus investimentos sensoriais sobre o corpo e, a partir disso, analisar as consequências políticas dos processos pós-disciplinares de subjetivação como processos de exploração das forças dos corpos. Além disso, é preciso pensar as possibilidades de resistências a esses processos de aparente determinação dos sujeitos a partir de práticas de [pós] liberdade criativas e ancestrais que sejam capazes de realizar uma transição epistêmica micropolítica mundial, um curto circuito, a superação da disforia como superação do capitalismo em favor dos corpos subalternos, feminizados, racializados, estigmatizados e anormalizados.

Desse modo, em um primeiro momento trataremos da transição pós-disciplinar dos processos de subjetivação na qual o poder penetra a pele dos sujeitos constituindo os hiper-sujeitos toxicopornográficos como fonte quase infinita de mais-valor. Em seguida, analisaremos a constituição do meio virtual como uma substância semiótica fixada no seio da estética da saturação farmacopornográfica e sua relação com o princípio de adição do sujeito para com o sistema que o constitui. Por fim, pensaremos a relação entre a constituição do desejo como estratégia do poder para a despolitização dos sujeitos, bem como a urgência de práticas de desintoxicação do desejo que visem sua autonomização em relação ao capital por meio da produção estratégica de novos [pós]sujeitos, novas linguagens e novos afetos.

O HIPER-SUJEITO FARMACOPORNOGRÁFICO

Pensar a relação entre o corpo e o poder é traçar um itinerário genealógico do investimento e exploração do corpo e de suas forças segundo o critério da geração de lucro, pois, como afirma Foucault, o “investimento político do corpo está ligado [...] à sua

utilização econômica” (Foucault, 2014, p. 29). Desse modo, em sua análise sobre o poder disciplinar, Foucault destaca a dinâmica disciplinar como a busca pelo gesto eficiente, pela gestão mais útil das forças dos corpos assujeitados no contexto microfísico da mecânica dos gestos e da óptica do olhar do vigia que gerencia as punições e congratulações de acordo com a norma disciplinar.

Nesse sentido, o corpo útil é aquele que não desperdiça suas forças, mas que as direciona para as ações desejadas pelo poder. O corpo, dessa forma, torna-se o operante dos interesses do poder pelo critério da norma e da punição. É por isso que a caçada pelas subjetividades anormais se instaura, é o desperdício das forças que prejudica a dinâmica do capitalismo disciplinar. O casal heterossexual é fixado como norma no seio da família burguesa (Foucault, 2022); a masturbação se torna alvo de cruzadas morais (Foucault, 2010), o sexo é regulado por todo um conjunto característico de discursos que circulam dentro de regimes de verdade.

Foucault, portanto, adota uma compreensão heterodoxa das relações de poder, pois um poder repressivo dificilmente realiza seus intentos sem resistências, ao passo que um poder que produz as subjetividades as quais assujeita apresenta tecnologias mais refinadas de dominação do desejo e das forças dos corpos. Assim, o poder na compreensão foucaultiana é algo que “permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (Foucault, 2014, p. 45); é poder constitutivo pois, antes mesmo de reprimir, constitui as subjetividades através dos discursos, dos saberes e da norma.

É preciso destacar a relação que se configura entre a subjetividade – compreendida como valores, modos de agir, modos de desejar, modos de odiar – e a materialidade dos investimentos do poder através da norma, da utilidade e da moralidade. Os sujeitos são a fonte de lucro do poder, afinal são produzidos para a majoração de sua própria exploração; de modo que, para compreender as relações entre subjetividade e poder, tomamos os processos de subjetivação como processos em que o humano torna-se sujeito útil, dócil ao poder. Foucault desenvolve uma sexopolítica do biopoder (Preciado, 2011), ou seja, circunscreve o sexo no seio dos interesses do poder em relação ao governo das populações. Segundo Preciado (2023, p. 107), “a tarefa mesma da ação política é fabricar um corpo, pô-lo pra trabalhar, definir seus modos de reprodução, prefigurar as modalidades do discurso através das quais esse corpo se ficcionaliza até ser capaz de dizer ‘eu’”. É, portanto, o poder que constitui a unidade do sujeito segundo seus intentos.

É a partir dessa herança conceitual que Paul B. Preciado desenvolve seu pensamento, afirmando “que à história da sexualidade iniciada por Foucault devemos acrescentar vários capítulos” (Preciado, 2011, p. 12). A questão premente é a mudança nas dinâmicas

de funcionamento do poder e, conseqüentemente, de sua ingerência nos processos de subjetivação após a Segunda Guerra Mundial:

é possível esboçar um novo mapeamento das transformações da produção industrial durante o último século, usando como eixo a gestão política e técnica do corpo, do sexo e da sexualidade. [...] a transição para um terceiro tipo de capitalismo(...) emerge das ruínas urbanas, psíquicas, fisiológicas e ecológicas da Segunda Guerra Mundial. (Preciado, 2018, p. 26-27)

Assim sendo, os investimentos do poder e a extração da força dos corpos adquirem novas formas no capitalismo pós-disciplinar. Se no regime disciplinar o poder se ocupava dos gestos, movimentos, aplicação e não aplicação das forças e do gesto útil, o capitalismo pós-industrial se estabelece através do fluxo de substâncias e imagens, de informações e códigos de subjetividade que atravessam a pele do humano para constituí-lo fisiologicamente.

As subjetividades toxicopornográficas (Preciado, 2018) se definem em relação com as substâncias químicas e semiótico-comunicacionais que circulam em seu metabolismo; são movidas pelos desejos farmacopornográficos que constituem o sujeito enquanto agente do sistema. “Assim falaremos de sujeitos Prozac, sujeitos-cannabis, sujeitos-cocaína, sujeitos-álcool, sujeitos ritalina, sujeitos-cortisona, sujeitos-silicone, sujeitos-heterovaginais, sujeitos-dupla-penetração, sujeitos-viagra, sujeitos-dinheiro” (Preciado, 2018, p. 38). É esse o regime pós-industrial, global e midiático: o regime farmacopornográfico (Preciado, 2018), conceito que articula dois modos de organização da exploração-constituição da subjetividade: o farmacopoder e o pornopoder.

A monopolização das técnicas e saberes farmacológicos concentra o domínio sobre os modos de subjetivação (substâncias farmacológicas) nas mãos da indústria farmacêutica pós-capitalista. O farmacopoder como monopólio simbólico e químico da subjetividade faz circular e impede a circulação de substâncias produtoras da subjetividade como os hormônios, inventados a partir da teoria comunicacional como a compreensão do corpo enquanto sistema de informações (Preciado, 2018). A descoberta e sintetização dos hormônios codificados como sexuais – testosterona e estrogênio – constituem um novo passo na gestão farmacopornô da subjetividade; assim como a comercialização do Viagra como uma prótese molecular normativa de masculinidade viril (Preciado, 2018) e da pílula anticoncepcional como esforço da eugenia malthusiana contra os corpos não-brancos e desviantes (Preciado, 2018), atuando como uma técnica de controle de gênero e raça (Preciado, 2018).

A espetacularização da sexualidade enquanto fenômeno que atravessa o âmbito priva-

do para o público é o que constitui a pornografia como matriz da qual toda indústria cultural deseja usufruir, paradigma desejado de produzir o máximo de excitação (=lucro), mas sem a marginalização da pornografia (Preciado, 2018). O pornopoder se caracteriza como o *modus operandi* da produção comunicacional farmacopornográfica. Trata-se de construir ciclos de excitação-frustração-excitação através dos estímulos de um espectador dessubjetivado. É essa a dinâmica da pornografia-masturbatória, a dessubjetivação do espectador que, hipnotizado pelo estímulo penetratório-pornô, reduz-se a uma resposta masturbatória (Preciado, 2018). O *wanna be* da indústria cultural, e da dinâmica pós-disciplinar em geral, é obter a maior resposta de gozo com o menor estímulo, ou seja, a incorporação da dinâmica pornográfica como funcionamento interno impune.

A circulação dos fluxos farmacopornográficos se dá em vista da extração sempre maior e mais eficiente da *potentia gaudendi* pelos ciclos de excitação-frustração-excitação:

Vamos ousar, então, e elaborar as seguintes hipóteses: as matérias-primas « do processo produtivo atual são a excitação, a ereção, a ejaculação, o prazer e o sentimento de autossatisfação, controle onipotente total destruição. O verdadeiro motor do capitalismo atual é o controle farmacopornográfico da subjetividade, cujos produtos são a serotonina, o tecnossangue e os hemoderivados, a testosterona, os antiácidos, a cortisona, o tecnoesperma, os antibióticos, o estradiol, o tecnoleite, o álcool e o tabaco, a morfina, a insulina, a cocaína, os óvulos vivos, o citrato de sildenafil (Viagra) e todo complexo material e virtual que participa da indução de estados mentais e psicossomáticos de excitação, relaxamento e descarga, e também no controle total e onipotente. (Preciado, 2018, p. 42)

O poder, portanto, toma formas ainda mais microscópicas e refinadas de constituir o sujeito. A partir disso, Preciado introduz a noção de *potentia gaudendi* como “a potência de excitação de um corpo” (Preciado, 2018, p. 44) que se constitui como principal alvo do capitalismo pós-disciplinar. Contudo, apesar da possível associação apressada com a semântica sexual, a força orgásmica é uma potência indeterminada que ultrapassa as noções de gênero e a codificação que elege certos órgãos como sexuais, “de modo que o pênis não possui mais força orgásmica do que a vagina, do que o olho ou o dedo do pé” (Preciado, 2018, p. 45). É essa a força de trabalho do capitalismo farmacopornográfico, força maleável que requisita todos os esforços somáticos e psíquicos, os recursos bioquímicos, e estruturas da mente.

A *potentia gaudendi* é a transformação do mundo em prazer que busca sua própria extensão no espaço e no tempo, visto que é um acontecimento que não pode ser possuído, sendo a força “mais abstrata e mais material das forças de trabalho” (Preciado, 2018, p. 46). Desse modo, o que está em jogo são as possibilidades infinitas de exploração dessa

potência; o trabalhador da fábrica disciplinar é explorado no intervalo em que vende sua mão de obra por salário, o novo trabalhador molecular-farmacopornô não deixa de ser explorado enquanto está acordado: seu smartphone gera lucro às custas de sua força orgásmica através dos milhões de estímulos semióticos aditivos que fazem girar a dinâmica da ordenha farmacopornográfica (excitação-frustração excitação), tudo isso como trabalho não remunerado. E ainda dormindo, pois só pode descansar [leia preparar-se para ser mais explorado] sob o efeito de clonazepam, diazepam, zolpidem, trazodona, alprazolam. Extração de mais-valor à enésima potência.

O corpo vivo enquanto possibilidade do acontecimento da força orgásmica é a interface em que a excitação é tecnoproduzida por corpos ausentes, presenciais ou virtuais. Contudo, a possibilidade geral de excitação não deve ser entendida como força energética renovável infinita, mas como um recurso cuja exploração majorada não se dá sem consequências ao sujeito. Assim, delinea-se um horizonte de sujeitos exauridos, bombardeados de estímulos de excitação, nos quais produz-se, incansavelmente, desejo e falta. É esse o limite humano do capitalismo pós-disciplinar cuja fronteira tem sido forçadamente expandida. A exploração demanda das forças do sujeito até um limite; o qual é aumentado artificialmente pelas tecnologias farmacopornográficas: os sistemas semiótico-comunicacionais [terapêuticos] da subjetividade e as próteses fisiológico-químicas. O limite humano do capital é expansível, mas tal alargamento não se dá sem prejuízos aos sujeitos.

Segundo Safatle (2020), os processos de subjetivação neoliberais procedem pela internalização da racionalidade empresarial-administrativa que coloca o sujeito como um empresário de si mesmo, pela generalização de princípios como performance, investimento, rentabilidade, posicionamento (Safatle, 2020). Assim, o neoliberalismo não deve ser entendido apenas como racionalidade econômica, mas como gestão da subjetividade em sua capacidade de criar sofrimento por meio de projetos inalcançáveis. A dor do sujeito neoliberal é sua exploração e incapacidade, mascarada pela autorresponsabilização por seus fracassos; o que possibilita a eficácia de modos de governabilidade enraizados psicologicamente (Safatle, 2020).

Nesse sentido, podemos dizer que modelos socioeconômicos são modelos de governo e gestão social de subjetividades, por isso, não podem ser compreendidos sem sua capacidade de instauração de comportamentos e modos de subjetivos de autorregulação. Eles não podem ser elucidados sem a gestão de uma psicologia que lhes é inerente. (Safatle, 2020, p. 33)

Portanto, a gênese de uma nova subjetividade, atravessada por essas tecnossustâncias simbólicas neoliberais, exige a criação de uma nova gramática social do sofrimento, pois,

como afirma Safatle (2020, p. 33), “o sofrimento psíquico guarda uma dimensão de expressão de recusa e de revolta contra o sistema social de normas”, e, ainda: “a disciplina social neoliberal deve anular tal dimensão de revolta que se exprime no sofrimento psíquico” (Safatle, 2020, p. 34). Desse modo, a gestão do sujeito neoliberal é, em outras palavras, gestão de sua dor e cansaço, de sua excitação e frustração:

O circuito de produção, consumo e distribuição legal e ilegal de OxyContin e outros opiáceos é paradigmático da economia farmacopornográfica: trata-se de transformar a indaptação ao capitalismo petrossexoracial² em disforia, a disforia em dor, a dor em adição, a adição em capital, o capital em prazer, o prazer em dor, a dor em adição, a adição em disforia... num círculo infinito. (Preciado, 2023, p. 354)

Assim, como sintoma da gestão do sofrimento, Safatle aponta as categorias clínicas como “tecnologias de intervenção na estrutura psíquica a partir de valores” (Safatle, 2020, p. 35), de modo que novas categorias clínicas criam novas possibilidades de performance e identificação.

Isso posto, a análise do surgimento da depressão como categoria clínica revela a introdução da polaridade possível/impossível na gramática subjetiva, a qual se constitui em virtude do movimento em que “o modelo disciplinar de gestão de condutas cede lugar a normas que incitam cada um à iniciativa pessoal” (Safatle, 2020, p. 41). A partir dessa compreensão, a depressão parece se caracterizar como categoria clínica da frustração, do fracasso, da impossibilidade de lidar com a exploração de forças do sistema. A depressão como um sintoma direto do neoliberalismo, como “tragédia implosiva da insuficiência e da inibição” (Safatle, 2020, p. 42).

Ao encontro disso, Preciado (2023, p. 355) afirma que “existe uma relação estrutural entre a captura neoliberal dos afetos e a transformação da depressão e da ansiedade em pandemias globais”. Portanto, a depressão aparece como fenômeno do limite humano do capital, como a falha em assimilar a racionalidade econômica como síntese da personalidade a partir das categorias neoliberais de desempenho, performance e realização de demandas (Safatle, 2020).

Assim, a ordenha farmacopornô como exploração dos ciclos de excitação-frustração-excitação deve ser entendida como a gestão subjetiva da dor e do prazer. Enquanto na dinâmica disciplinar a dor e o prazer são movimentos que estimulam a produção através das categorias de punição e benefício em vista do gesto útil, a dinâmica pós-disciplinar

² O conceito “petrossexoracial” é usado em *Dysphoria mundi: O som do mundo desmoronando* como maneira de caracterizar o regime pós-disciplinar em sua exploração dos recursos físicos do ambiente através da queima de combustíveis fósseis como combustível do desenvolvimento; mas também da exploração dos corpos subalternos através da marcação que expropria o poder dos corpos marcados pelas categorias de gênero, sexo e raça.

engendra a lucratividade tanto no prazer quanto na dor, em um princípio axiomático em que o sujeito se insere na dinâmica: existo, logo produzo [lucro para outrem]. A dor pede anestesia. Como afirma Safatle: “o fundamento atual da nossa tecnologia de intervenção clínica é farmacológica, a configuração das categorias tenderá a ter a conformação do espectro de atuação do fármaco em questão” (Safatle, 2020, p. 36). Delineia-se assim o horizonte da morte do sujeito moderno, com nascimento do hiper-sujeito adicto/anestesiado/extenuado/esgotado/exaurido/super produtor de lucro [a outrem]. É esse o [hiper] sujeito tóxicopornô:

cuja vida (condição técnica mais do que puramente biológica), carente de direitos de cidadania, autoria e ao trabalho, é construída por e sujeita a midiaticização global e autovigilância. E tudo isso no centro das nossas democracias pós-industriais, em que não há necessidade alguma de recorrer ao modelo distópico do campo de concentração ou de extermínio - facilmente denunciável como dispositivo de controle - para descobrir a tecnovida nua, parte de um ‘bordel-laboratório global integrado multimídia’ em que o controle dos fluxos e dos afetos se realiza sob a forma pop da excitação-frustração. (Preciado, 2010, p. 53)

HEROÍNA SISTÊMICA: A ADICÇÃO COMO DIAGNÓSTICO

O capitalismo pós-industrial funciona como um processo extrativista ultra predatório que, em sua tendência infinita à autossuperação, precisa de “uma massa de corpos subalternos submetidos a segmentações de espécie, sexo, gênero, classe e raça” (Preciado, 2023, p. 42). Assim, o sacrifício de corpos animais, feminizados, racializados, infantis, estrangeiros e anormais e a destruição de espaços coloniais e periféricos (Preciado, 2023) é o *modus operandi* do capital. O sacrifício dos sujeitos se dá não apenas pela exploração precarizada do trabalho, mas também pelo modo de organização sensorial do espaço social e virtual, em outras palavras, para fazer a força orgásmica do corpo trabalhar; é então criada uma estética petrossexoracial:

um regime de saturação sensorial e cognitiva de captura total do tempo e de ocupação expansiva do espaço, uma habituação ao ruído mecânico, ao cheiro de poluição, à plastificação do mundo, à superprodução e à abundância consumista, ao fim de semana no supermercado, à carne moída, ao suplemento de açúcar (...) definitivamente um gosto pelo tóxico e um prazer inerente à destruição. (Preciado, 2023, p. 43)

Assim, Preciado afirma a estética como um “mundo sensorial compartilhado, mas também uma consciência subjetiva capaz de decodificá-lo e entendê-lo” (Preciado, 2023, p. 44) e ainda como uma “articulação entre a organização social da vida, a estrutura da percepção e a configuração de uma experiência sensível compartilhada” (Preciado, 2023,

p. 42) que se consolida pela regulação política dos aparatos sensoriais do corpo vivo (Preciado, 2023). Destaca-se aqui a estratégia política da sobrecarga dos sentidos do sujeito através de estímulos sensoriais veiculados através do espaço físico-social-publicitário mas também do espaço virtual cuja internet e as redes sociais se transformaram em tecnologias centrais de governo e sujeição (Preciado, 2023).

Assim sendo, interessa-nos o modo como esse espaço virtual aparentemente externo e alheio ao sujeito desencadeia nele reações químicas que fazem girar a equação da ordenha farmacopornográfica (excitação-frustração-excitação). Essa constatação tende à compreensão de uma incorporação do mundo virtual à subjetividade como prótese de identidade, como “um fluxo que nos atravessa” (Preciado, 2023, p. 68) e como uma “substância eletrônica que o cérebro contemporâneo consome” (Preciado, 2023, p. 68). A substância eletrônica é o equivalente ao novo ópio da subjetividade toxicopornô, a e-roína.

Os limites entre o virtual e o físico se confundem ainda mais a partir da criação do *smartphone* como prótese-cibernética que une duas realidades do corpo, o corpo anatômico e o corpo virtual em uma terceira categoria de corpo: o telecorpo. Tal modalidade de existência constitui a integração entre as realidades virtual e física. O sujeito contemporâneo é um teleciborgue que habita ambas através de modos de expressão próprios, múltiplos e possivelmente conflitantes. Desse modo, pode-se afirmar que as relações entre o real e o virtual estão se invertendo, uma vez que, a partir da primeira década do século XXI, a virtualidade passa a ter maior caráter de real que o próprio real (Preciado, 2023), com a constituição da i-realidade como “um espaço de sentido construído cibernética e bioquimicamente no qual é possível viver - e morrer” (Preciado, 2023, p. 141). Postular a união entre as realidades real e virtual é como superar um segundo dualismo cartesiano: o corpo anatômico do real e o corpo virtual da internet são um só telecorpo na i-realidade.

Como ápice desse movimento, o corpo pandêmico, ao ser confinado, foi digitalizado à força. Para esse corpo, “a conexão é a forma primária de existência” (Preciado, 2023, p. 302). Isso posto, não se pode considerar em separado a existência real e virtual do corpo vivo, pois o bombardeio sensorial que o atinge em ambas não tem suas consequências delimitadas às suas respectivas esferas de acontecimentos. Desse modo, os acontecimentos digitais – *pop-ups*, *ads*, vídeos curtos ultrasensoriais, múltiplos estímulos simultâneos na tela – têm consequências fisio-químicas na instância do corpo anatômico que caracterizam o estado de adicção no qual vive o sujeito farmacopornô.

A partir da compreensão desse novo paradigma do mundo virtual como substância e nova modalidade de existência, Preciado desenvolve a ideia do sujeito contemporâneo como preso entre duas forças: a dívida e a adicção (Preciado, 2023). A adicção às tecno-

logias farmacopornográficas, isto é, às substâncias fisio-químicas e semio-publicitárias-pornográficas, constituem o sujeito pós-disciplinar como um sujeito adicto ao sistema capitalista. Desse modo, o capitalismo como o monopólio da gestão das tecnologias de produção da subjetividade funciona, ele próprio, como uma substância a qual esses sujeitos são viciados.

Somos corpos perpetuamente endividados e adictos das formas de consumo e distribuição de energia específicas do capitalismo colonial de reprodução patriarcal (petróleo, carvão, gás, glicose, álcool, café, fármacos, tabaco, etc) e cibernética: códigos semióticos, informação, linguagem e imagens em movimento que se difundem e entram em nosso corpo através de circuitos eletroquímicos... mais, mais, mais. Sempre demais. Nunca suficiente. (Preciado, 2023, p. 72)

A subjetividade adicta é aquela para a qual a liberdade é uma ilusão (Preciado, 2023). Para governar corpos livres é preciso assujeitá-los à adicção despolitizada. Assim, o vício ao capital não deve ser compreendido como um efeito colateral, mas como o eixo de funcionamento do sistema desejante farmacopornô. O capitalismo pós-disciplinar gere os afetos, coloniza o desejo, capitaliza a dor.

Com isso, o que se delinea é o esgotamento do sujeito. A tendência autossuperante *ad infinitum* do capital deve encontrar seus limites humanos após encontrar os limites reais da subjetividade. “A subjetividade moderna talvez já não seja suficiente para resistir a esta torsão” (Preciado, 2023, p. 325).

O DESEJO SEQUESTRADO E SUA DESINTOXICAÇÃO

O capitalismo pós-disciplinar, através da monopolização dos meios de produção da subjetividade, constitui hiper-sujeitos para a majoração da extração da força orgásmica. É preciso, portanto, pensar o desejo e sua relação com a dinâmica da ordenha pornográfica, isto é, o modo como a constituição da subjetividade – de seus modos de vida, de morte e de desejar – é condição de possibilidade da manutenção e ampliação da exploração dos sujeitos. Desse modo, o desejo figura como alvo importante das tecnologias do poder, cuja submissão e adequação garantem a expansão dos limites humanos e a menor resistência das massas.

Sobre isso, Deleuze e Guattari afirmam que “o capitalismo não para de afastar seu limite ao mesmo tempo que tende a ele” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 53). Assim, para apoiar tal tendência, a desterritorialização e a descodificação dos fluxos do desejo visam a extração da mais-valia garantida pela intervenção que “reterritorializa à força” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 53).

Ele [capitalismo] não para de se aproximar do seu limite, que é um limite propriamente esquizofrênico. (...) Ir sempre mais longe na tendência, a ponto do capitalismo se lançar na lua com todos os seus fluxos: nós, na verdade, ainda não vimos nada. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 52)

O que se destaca é a ideia do desejo como produzido materialmente, organizado em seus fluxos para que o sujeito funcione como organismo útil. Deleuze e Guattari (2011, p. 62) caracterizam a produção desejante como “multiplicidade pura [...] afirmação irreduzível à unidade”; a qual é neurotizada pela edipianização do inconsciente como organização violenta que, contudo, não é capaz de calar “o clamor da produção desejante” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 94-95).

Ao encontro disso, Safatle (2020) caracteriza o sujeito neoliberal como aquele que consegue estruturar sua personalidade tendo como eixo as ilusões de unidade, autonomia, individualidade, de modo que a multiplicidade da vida psíquica seja excluída. Desse modo, o esquizofrênico aparece como sujeito não-funcional pois a normalidade tem como princípio “a unidade sintética da personalidade” (Safatle, 2020, p. 43).

Preciado (2022, p. 27), por sua vez, afirma que “o desejo não é uma verdade dada, mas um campo social fabricado que pode ser modificado com o uso das ferramentas da metáfora e da imaginação, da poesia e da experimentação somática”. Assim, o desejo é “fabricado a serviço da produção de capital e da reprodução heterossexual e racial” (Preciado, 2023, p. 516). O problema do desejo capitalista, portanto, é o problema de sua produção, da organização de sua multiplicidade como violência ao sujeito; de modo que o ato de resistir ao poder, como trataremos posteriormente, deve passar pela transformação do desejo e a produção de subjetividades outras para uma revolução que seja “o colapso de modos de representação, um abalo no universo semiótico, uma reordenação de corpos e vozes, uma redistribuição de espaços e gestos” (Preciado, 2023, p. 72).

Pensar o desejo produzido é colocá-lo como o seio do problema capitalista. Como pode ser livre o sujeito que tem seu desejo colonizado? Como resistir à captura da função desejante? Como libertar o desejo?

Preciado afirma que “o regime capitalista petrossexoracial capturou a função desejante, colocando-a a serviço da produção de significados transcendentais: Deus, a nação, o nome do pai, o capital, o eu, o sujeito, a identidade, o código” (Preciado, 2023, p. 515). Assim, tal regime cria no sujeito a mais cruel forma de opressão: o desejo de sua própria opressão. Em consonância, Deleuze e Guattari (2011) afirmam que esse é um problema do desejo: as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo, foram produzidas para desejar seu próprio terror. É razoável a constatação de que “Hitler suscitava tesão

nos fascistas” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 143). A partir disso, a ação política deve buscar a desintoxicação da função desejante como produção de subjetividades livres (Preciado, 2023, p. 515).

Se o desejo é recalcado é porque toda posição de desejo, por menor que seja, pode pôr em questão a ordem estabelecida de uma sociedade: não que o desejo seja a-social, ao contrário. Mas ele é perturbador; não há posição de máquina desejante que não leve setores sociais inteiros a explodir. Apesar do que pensam certos revolucionários, o desejo é, na sua essência, revolucionário — o desejo, não a festa! — e nenhuma sociedade pode suportar uma posição de desejo verdadeiro sem que suas estruturas de exploração, de sujeição e de hierarquia sejam comprometidas. Se uma sociedade se confunde com essas estruturas (hipótese divertida), então, sim, o desejo a ameaça essencialmente. Portanto, é de importância vital para uma sociedade reprimir o desejo, e mesmo achar algo melhor do que a repressão, para que até a repressão, a hierarquia, a exploração e a sujeição sejam desejadas. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 158)

A produção social reprime a produção desejante porque esta pode explodir a forma social. O desejo em seu “potencial metamórfico e revolucionário” (Preciado, 2023, p. 516) rompe as estruturas de poder e exploração. É nesse sentido que Preciado propõe que devemos deixar de desejar segundo os imperativos do capitalismo petrossexoracial (Preciado, 2023).

Desse modo, a captura da função desejante da subjetividade é também a clausura da imaginação de outros mundos possíveis. Retomando o pensamento de Mark Fisher, Preciado afirma que o capitalismo após a queda do muro de Berlim e o fim da URSS se consolida não como um sistema dentre outros, mas como a realidade em si mesma (Preciado, 2023). O realismo capitalista é, portanto, a clausura da imaginação; é a persuasão de que não há alternativa ao neoliberalismo (Fisher, 2020). O sujeito neoliberal é constituído em seu desejo por essa escassez de futuros possíveis e é, portanto, despolitizado em seu mal-estar gerenciado pela psicologia e pelo marketing (Preciado, 2023).

É nesse sentido que “imaginar já é agir” (Preciado, 2023, p. 58), e a criação de futuros possíveis como contranarrativa ao neoliberalismo já é o começo da mudança. É preciso “produzir outros perceptos, outros afetos e outro desejo. Perceber, sentir e nomear de outro modo. Conhecer de outro modo. Amar de outro modo. Não basta analisar a condição neoliberal, é necessário mudar os nomes de todas as coisas” (Preciado, 2023, p. 58).

Assim, Preciado concebe uma estratégia política como reabilitação da utopia retomando Françoise Vergès (Preciado, 2023). A utopia como força imaginativa, como desejo autônomo de um mundo além do neoliberalismo é força de rebelião e início de ruptura. O neoliberalismo como gestão dos afetos parece ter a desesperança como o afeto de maiores

rendimentos; o hiper-sujeito exaurido, entupido de desejos fabricados pela publicidade precisa da utopia como força de ruptura da inércia do desespero.

O regime farmacopornô como lucro do desespero estabelece a adaptação como *Burnout*, a inadequação como suicídio. “Nossa senhora do *Burnout*, rogai por nós. Nossa Senhora do Suicídio, rogai por nós” (Preciado, 2023, p. 311). Contudo, a desintoxicação do desejo pela criação de novas ficções políticas não é apenas um por fazer, mas algo que já está em curso. Preciado aponta uma ruptura crescente nas relações entre corpos e saberes através do aparecimento de novas formas de subjetivação e relação política (Preciado, 2023) entre os corpos assujeitados: “*Me Too, Me Too Incest, Me Too Gay, Black Lives Matter, Black Trans Lives Matter* etc. são algumas das formas que a insurreição discursiva assumiu nos últimos anos” (Preciado, 2023, p. 288-289). Desse modo, o movimento de ruptura caracteriza o início de uma transição epistêmica do regime petrossexoracial para uma outra organização de mundo(s). É a coexistência desses dois registros de mundo – o petrossexoracial e as novas epistemologias – que caracteriza o mundo disfórico. Esse é um momento crucial para o futuro, a “guerra epistêmica” (Preciado, 2023, p. 291) na qual não basta a simples oposição binária, mas “é preciso abrir-se para a mutação das tecnologias da consciência” (Preciado, 2023, p. 291).

Assim, o otimismo perante a constatação desse movimento de disforia, de possível ruptura do sistema petrossexoracial, não é um afeto ingênuo ou uma convicção tranquila, mas deve ser tomado, assim mesmo como a utopia, como uma metodologia (Preciado, 2023). O otimismo utópico como metodologia implica na necessidade da luta política coletiva contra a maior tecnologia política do capitalismo pós-disciplinar, o desespero como afeto dominante. Preciado afirma que “não há mudança possível sem uma mutação de nossos próprios processos de subjetivação política” (Preciado, 2023, p. 530); desse modo, afirmamos que talvez o primeiro passo para uma nova realidade dos sujeitos seja a reabilitação política da esperança como imaginação do futuro pelos sujeitos dissidentes.

Desse modo, as construções de novas bioficções políticas e modos de viver as relações implicam a transição do marco epistêmico, a invenção de nova linguagem para re-narrar os acontecimentos de opressão e sua sobrevivência (Preciado, 2023), assim como afirma Wittig:

A transformação das relações econômicas não será suficiente. Temos de produzir uma transformação política dos conceitos chave, isto é dos conceitos que nos são estratégicos. Há uma outra ordem de materialidade, a da linguagem, e ela é trabalhada de dentro por estes conceitos estratégicos. A linguagem é, ao mesmo tempo, intimamente ligada ao campo político, onde tudo o que concerne a linguagem, a ciência e o pensamento se refere à pessoa enquanto subjetividade e à sua relação com a sociedade. Não podemos deixar

estas coisas no poder do pensamento hétero ou do pensamento de dominação. (Wittig, 1992, p. 5)

A linguagem como campo de luta política não pode ser deixada de lado pelas resistências anticapitalistas. É preciso que os anormais inventem novas categorias com as quais conheceremos o mundo, mais que apenas a transformação econômica da sociedade. A linguagem, nesse sentido, aparece como parasita protético da subjetividade (Preciado, 2023) e a comunicação da linguagem como infecção, como possibilidade de novos sujeitos, a partir do que “é necessário mudar os nomes de todas as coisas” (Preciado, 2023, p. 58).

TÉCNICAS XAMÂNICAS DE METAMORFOSE DA SUBJETIVIDADE

Inúmeros povos no decorrer da história desenvolveram práticas rituais como técnicas de modificação da subjetividade através de quarentenas, jejuns, inter rompimento de práticas alimentares, sexuais ou produtivas (Preciado, 2023). A partir do pensamento de Viveiros de Castro, Preciado destaca os rituais xamânicos dos povos ameríndios que tinham como objetivo *parar o mundo*. A pandemia de covid representou a prova de que mudanças políticas estratégicas são capazes de frear o capitalismo em sua predatória destruição da subjetividade e da natureza (Preciado, 2023). Assim, o impacto da pandemia exigiu rituais específicos de *parar o mundo* que produziram outras formas de subjetivação.

se observarmos [...] os diversos rituais xamânicos de várias sociedades ameríndias para ‘parar o mundo’, veremos que a maioria deles tem ao menos três etapas: na primeira, o sujeito se confronta com sua condição finita e mortal; na segunda vê sua posição dentro da cadeia trófica e percebe os vínculos energéticos que unem tudo o que vive e dos quais ele mesmo faz parte; e, na terceira e última, antes da metamorfose, ele modifica radicalmente seu desejo, o que, em última instância, lhe permitirá devir-outro. (Preciado, 2023, p. 507)

A partir disso, Preciado estabelece um paralelo entre os rituais xamânicos e a gestão da pandemia, cujo desenrolar constitui um ritual mundial tecnoxamânico para parar o mundo, como que uma antessala para uma transformação do paradigma político mundial (Preciado, 2023).

Primeira etapa: a finitude do sujeito planetário. É importante ressaltar que o terror da pandemia só obtém seu status a partir do momento em que o vírus não distingue entre o sujeito do norte global dos ditos países desenvolvidos e os sujeitos do sul global. Isto é, a pandemia só é uma preocupação geopolítica mundial quando os “homens brancos europeus e norte-americanos de mais de cinquenta anos” (Preciado, 2023, p. 508) estão na linha de morte do vírus. É a ameaça ao sujeito ideal do neoliberalismo que causa a corrida política de enfrentamento à Covid-19.

O mesmo não aconteceu, por exemplo, na crise da aids quando os sujeitos padecentes foram discursivamente construídos pelo poder como os homossexuais, os trabalhadores sexuais, as pessoas trans e as pessoas racializadas (Preciado, 2023). Isto é, os anormais podem morrer sem alarme algum; seus corpos mortos são o troféu do sistema petrossexoracial. Assim, “a crise do covid representou uma crise da soberania do corpo masculino, branco e heterossexual no capitalismo petrossexoracial [...] crise que se estendeu a todos aqueles que [...] compartilhamos³ [...] dos privilégios soberanos do Norte” (Preciado, 2023, p. 509). Desse modo, é preciso que as experiências de despossessão, opressão e morte geradas pelo capitalismo petrossexoracial sejam transversalizadas (Preciado, 2023), ou seja, é preciso tomar como alvo das práticas de subversão da normatividade pós-disciplinar o sujeito normado, como a filósofa da deficiência Rosemarie Garland Thomson o define através do neologismo “*the normate*”.

O normado é considerado o ser humano definitivo, é aquele imaculado de todas os estigmas sociais; é apenas a minoria das pessoas, a dizer: o homem jovem, casado, branco, urbano, do Norte, empregado, de boa feição, altura e peso e com um recente histórico em esportes (Thomson, 2017). Assim sendo, se o neoliberalismo funciona com a privatização restrita dos lucros e a socialização generalizada da miséria material e do desespero como modo de vida; a ação política deve buscar a socialização estratégica das experiências de opressão, despossessão e morte para com os protagonistas normados do sistema com seus valores patriarcais, religiosos, sua família tradicional (Preciado, 2023); seus fetiches militaristas, armamentistas, estupradores. Enfim, é preciso abolir o normado como sujeito do espetáculo *smuff* mundial.

Segunda etapa: ver a cadeia trófica. A pandemia “expôs a cadeia trófica do capitalismo” (Preciado, 2023, p. 510); ela mesma é a inversão das políticas [neo]coloniais, “o lixo chega às praias do Norte [...] o veneno colonial está voltando ao centro do capitalismo” (Preciado, 2023, p. 511). Os fluxos do capitalismo como potência de exploração pretensamente infinita representam não só uma ameaça ao Sul global, mas a todos os corpos vivos humanos e não humanos. Sobre isso, o perspectivismo ameríndio propõe uma visão da humanidade subjetiva de cada espécie existente como um possível pressuposto ético que é capaz de reconhecer na diferença a semelhança, além da interdependência entre todos os corpos vivos. Em outras palavras, cada espécie como protagonista de sua existência tem algo de humano:

3 Preciado usa a flexão verbal “compartilhamos” em função de sua nacionalidade europeia. Nossa situação enquanto corpos marcados pela posição do sul global latino-americano implica diferentes abordagens.

A questão mais geral que se põe, então, é a de saber por que a humanidade de cada espécie existente é “subjetivamente” evidente (e ao mesmo tempo altamente problemática) e “objetivamente” não evidente (e ao mesmo tempo obstinadamente afirmada). (...) O que o perspectivismo afirma, enfim, não é tanto a ideia de que os animais são “no fundo” semelhantes aos humanos, mas sim a de que eles, como os humanos, são outra coisa “no fundo”: eles têm, em outras palavras, um “fundo”, um “outro lado”; são diferentes de si mesmos. (...) o perspectivismo afirma uma diferença intensiva que traz a diferença humano/ não-humano para o interior de cada existente. Com isso, cada existente se encontra como que separado de si mesmo e tornado semelhante aos demais apenas sob a dupla condição subtrativa dessa comum autoseparação e de uma estrita complementaridade, pois se todos os modos do existente são humanos para si mesmos, nenhum é humano para (ou semelhante a) nenhum outro: a humanidade é “reciprocamente” reflexiva (o jaguar é um homem para o jaguar, o queixada é um homem para o queixada), mas não pode ser mútua (no momento em que o jaguar é um homem, o queixada não o é, e vice-versa). (Castro, 2015, s.p.)

Nesse sentido, a gestão da pandemia escancarou as consequências do modo de hiperprodução capitalista como ameaça geral. O sujeito deve, portanto, perceber seu lugar na cadeia trófica em relação aos demais seres humanos e não humanos para reconhecer que “só uma nova aliança de lutas transfeministas, anticoloniais e ecológicas será capaz de fazer frente ao mesmo tempo à privatização das instituições, à economia da dívida [...] e aos discursos do totalitarismo neonacionalista, tecnopatriarcal e neocolonial” (Preciado, 2023, p. 514).

A terceira etapa já foi, de certo modo, aqui abordada previamente. É necessária a autonomização do desejo frente às tecnologias do capital como estratégia política de estabelecer a utopia e a esperança como métodos imaginativos do futuro pós-capitalista.

Nesse sentido, a gestão do vírus representou a crise do desejo e a consciência de que é possível parar o mundo (Preciado, 2023). A resistência ao desejo colonizado corresponde à mutação intencional da subjetividade como experimentação política. Por isso, “precisamos nos reapropriar criticamente das técnicas necrobiopolíticas e de seus dispositivos farmacopornográficos” (Preciado, 2023, p. 517) para criar uma multidão de pós-sujeitos que sejam desejanter livres e revolucionários.

A liberdade não deve ser compreendida ingenuamente como fuga total à determinação da produção neoliberalista da subjetividade, mas a apropriação da mutação do desejo e da produção de afetos como ação de pós-liberdade. É preciso matar a liberdade neoliberal, a propriedade de si, o individualismo da concorrência, as correntes do desespero e a ilusão da autonomia. A ação micropolítica é a base para a transição epistêmica que possibilitará a revolução dos corpos anormais. “Não existe mudança abstrata. Não há futuro. A revolução é sempre um processo. Agora. Aqui. Está acontecendo. Revolução ou morte.

Já começou” (Preciado, 2023, p. 526). As práticas dissidentes estão inventando um outro mundo, o mundo petrossexoracial começa a desmoronar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestão pós-disciplinar do corpo como produção de hiper-sujeitos exauridos representa a morte do sujeito moderno. A saturação de estímulos, a adição às substâncias farmacopornográficas e a socialização do desespero como afeto total do neoliberalismo constituem a subjetividade exaurida do novo século. A internet e as redes sociais constituem uma cisão no sujeito que é re-assimilada como semi-esquizofrenia. A racionalidade neoliberal constitui o desejo a partir de termos como mérito, iniciativa, resultados, desempenho, autonomia, liberdade [de consumir]. O sujeito farmacopornô é levado a desejar a aparente impossibilidade de modos de vida melhores, com a ilusão da ascensão social que lhe é negada por pressuposto. A impossibilidade do sucesso é a socialização do desespero e da depressão como inevitabilidade do fracasso.

A compreensão do desejo intoxicado, colonizado pelos artifícios do marketing predatório pós-capitalista, da produção cultural de massa e suplantado pelas tecnologias farmacêuticas pode, à primeira vista, parecer desesperadora. Contudo, o conhecimento das formas de opressão é o que possibilita a expropriação dos meios de produção da subjetividade e a produção de contranarrativas, bioficções políticas de esperança estratégica, de otimismo metodológico. Reabilitar a imaginação e o desejo de outros futuros é a chave para a libertação do hiper-sujeito pós-disciplinar.

A figura do revolucionário pós-capitalista não é a do soldado, viril, de corpo atlético e autoritário, mas a multidão de corpos subalternos feridos pela violência petrossexoracial (Preciado, 2023). O sujeito moderno está extinto, o hiper-sujeito tóxicopornôgrafico alcançará em breve seus limites.

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. Cosac Naify: São Paulo, 2015.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*. Tradução de Luiz Orlandi. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo de que o fim de capitalismo?* 1ª ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FOUCAULT, Paul-Michel. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Tradução de Maria

Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.

FOUCAULT, Paul-Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Paul-Michel. *Vigiar e Punir*. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PRECIADO, P. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, jan./abr., 2011. Disponível em: <https://tinyurl.com/4bw3s2w7>. Acesso em: 27 mar. 2024.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Dysphoria mundi: O som do mundo desmoronando*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Texto Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SAFATLE, V. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, V.; JÚNIOR, N. S.; DUNKER, C. (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo: Autêntica, 2020.

THOMSON, Rosemarie Garland. *Extraordinary Bodies: figuring physical disability in american culture and literature*. Columbia University Press: New York, 2017.

WITTIG, Monique. *The Straight Mind and other Essays*. Boston: Beacon, 1992.